

Editorial

INTERESSE
DA CRIANÇA

O Dia das Crianças é comemorado hoje tendo como fundo o debate que é travado pelos dois candidatos a presidente da República a respeito do aborto. Desde alguns dias, ambos têm sido fortemente questionados, sendo obrigados a tomar posição sobre um assunto que não teria essa relevância, não fossem as eleições.

O pleito, e o peso que nele tem uma parte do eleitorado – aquele que professa alguma confissão religiosa –, contaminam o debate, desviando seu foco. Na tentativa de não perder esses votos, os candidatos acabam por contrariar suas convicções pessoais, reduzindo uma questão de Estado a um assunto de foro íntimo.

Nesta data, especialmente, o que deveria estar sendo discutido pelos candidatos com a sociedade são os direitos das crianças, que no país lhes são subtraídos de várias maneiras. Entre esses, o mais relevante é, de certo, o direito à vida, que se realiza pelo respeito a todos os outros que garantem a sobrevivência do imaturo.

Assegurar o direito de nascer e de viver em condições adequadas, durante os anos iniciais da vida, é o fim de qualquer sociedade. Certas de que sua própria sobrevivência depende desse processo vital, todas elas zelam para que suas crianças recebam a proteção de que precisam, até que atinjam a maioridade.

Ser favorável à vida não se resume apenas a garantir o direito de nascer. Mas também ao de viver. O ser humano precisa, para que se desenvolva plenamente, de receber outros apoios, como ter uma família e receber do Estado e da sociedade cuidados com a saúde, educação, moradia, segurança etc.

Estado, sociedade e família têm consciência de seus deveres para com as novas gerações, fazendo grandes esforços no sentido de prover suas necessidades básicas. Esse esforço apresenta, no entanto, muitas falhas. Cabe aos pretendentes ao governo especificá-las e apresentar à sociedade propostas de como equacioná-las.

A oportunidade para isso são as eleições. É preciso responder ao interesse das crianças.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli
PRESIDENTE Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Teodomiro Braga
DIRETOR FINANCEIRO Marcos de Oliveira e Souza

GERENTE COMERCIAL
Leandro Figueiredo

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

ADJUNTA DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Aline de Almeida Reskalla

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Walmir Prado

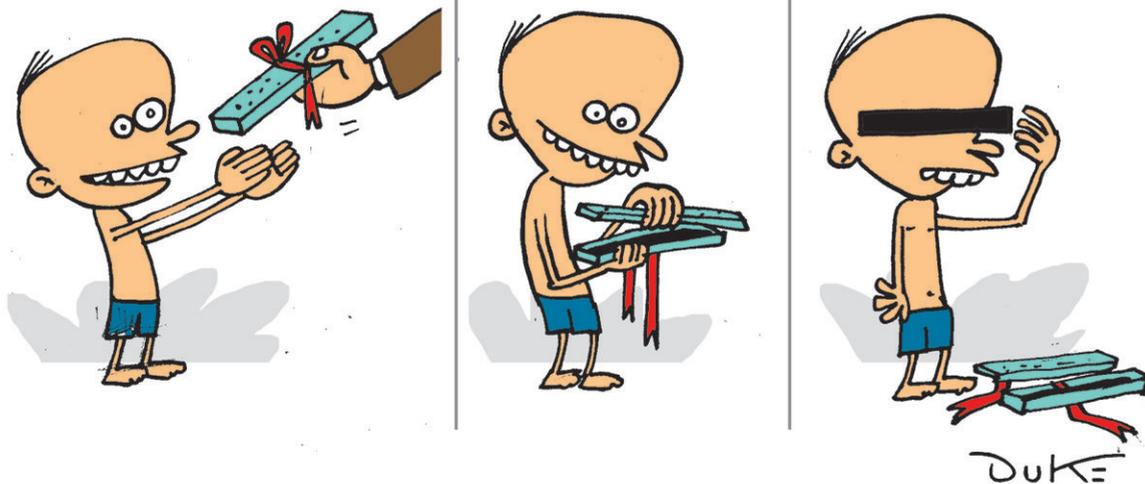
EDITORES
Primeira Página: Robert Wagner
Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlton Aredes
Política: Carla Kreefft
Magazine: Silvana Mascagna
Brasil/Mundo: Carla Chein
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Carla Alves

GERENTE DE MARKETING
Alessandra Soares
GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

O.PINIÃO

DIA DAS CRIANÇAS

Duke



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

Perdi a paciência: quero a
República terrena de volta!

Mandaram pras cucuias a separação entre Igreja e Estado

A final, o que é República (do latim, res publica: coisa pública)? E a pauta de quem aspira governá-la? Parece óbvio que o debate eleitoral numa República (regime de governo) tem como eixo a defesa dos valores e dos princípios republicanos. Sob a democracia (regime político) nunca vi uma eleição para a Presidência da República tão carente de espírito republicano quanto a que está em curso. Alguém esqueceu que “isso aqui”, o Brasil, é uma República?

No segundo turno piorou. Candidaturas abriram mão dos ideais republicanos, mandando pras cucuias um princípio basilar da República: a separação entre a Igreja (religião) e o Estado, esquecendo que as religiões contrárias ao aborto sabem que a postura delas é inútil para detê-lo até entre suas fiéis, portanto não pregam contra o aborto, mas contra a existência, e até a possibilidade, de leitos hospitalares para o aborto, tanto que onde eles não existem não há polêmica! Não é fanatismo religioso, é indiferença para com a vida das mulheres como princípio.

Sou mesmo uma besta quadrada, pois não sabia que Dilma ou Serra eram os papa-hóstias que dizem ser agora, só faltando dizerem que Deus é brasileiro e as urnas vão sacramentar a reencarnação Dele! Convicta de que a liberdade de religião é um direito constitucional, defendo que qualquer pessoa, quando bem lhe aprouver, torne pública sua religião. Porém, não silêncio ao perceber que uma opção religiosa acena interferir nos rumos da República.

É o que está acontecendo agora de modo mais acirrado. Se o país vai bem e parte expressiva do povo saiu da misé-

ria, pode piorar politicamente [Tiririca não estava com a razão (“pior do que está não fica”)], caso as candidaturas insistam no veio não-republicano do engalfinhamento religioso, alçando o aborto à questão central do debate eleitoral de 2010, tema que, num olhar republicano, é do campo da cidadania e diz respeito a como a República cuida de suas cidadãs – e a nossa ainda deve muito às mulheres.

Urge que o embate eleitoral tome o rumo da deferência aos pilares que sustentam a República, que são o bem co-

Não pregam contra o aborto, mas contra a possibilidade de leitos hospitalares para o aborto. Tanto que onde eles não existem, não há polêmica!

mum acima dos interesses individuais e das coletividades (grupos sociais); o laicismo; e a democracia. Em nome de quê se desrespeita aquilo a que se candidata a preservar? Ou é apenas proselitismo eleitoral dos mais rasteiros? Não sei responder às duas indagações. Mas elas evidenciam que vivemos tempos de indignação política e o espectro do fundamentalismo religioso ronda o Estado laico.

Estou bestificada de ver que o empenho das candidaturas (que viraram “a cara de uma o ‘fucim’ da outra”) não é genuinamente re-pu-bli-ca-no, mas provar quem detém o monopólio da ca-

rolice e da confiança da turba que se rege pelo fundamentalismo religioso, numa flagrante incompreensão do que é o regime de governo republicano e o regime político da democracia! Diante de tal cenário, conjecturo que ambos sequer leram o “Manifesto Republicano” (1870). Se o leram, esqueceram.

Diante da carolice desvairada, pedindo voto em nome de Deus – que nem é candidato a nada e nem precisa, pois para quem nele acredita, ele é TUDO –, não me contenho o grito: republicanos, uni-vos! E ousa dizer que quero a minha República terrena de volta, já! Quero a minha República de volta pelo simbolismo dos ideais libertários. Eu a quero também pelo que significa para o Brasil e sua gente – concreta, nascida, que materializa o princípio republicano de que “toda a autoridade política tem um mandato originado no voto popular”.

DUKE

